

Uma boa novidade



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

As eleições deste ano estão marcadas pela crise econômica e social, uma diferença importante em relação a 2018 quando a corrupção dominou os debates e foi determinante para a vitória do atual presidente. Temas como inflação, desemprego, fome, carência estão no centro da preocupação da maioria do eleitorado.

Não à toa o governo federal, com o apoio do Centrão, tem adotado medidas de curto prazo para tentar minimizar seu desgaste. Auxílio Brasil no valor de R\$ 600 até o final do ano, vale gás, auxílio caminhoneiro e taxista são as armas para tentar recuperar a popularidade e o apoio e disputar eleição em melhores condições. Afinal, pela primeira vez um incumbente disputa a reeleição em desvantagem, ocupando o segundo lugar em todas as pesquisas.

Essa foi a razão que levou o presidente a aceitar ser entrevistado na bancada do *Jornal Nacional*. Apesar da preocupação de seus assessores, ele teve um bom desempenho, demonstrando um inesperado controle emocional bem diferente do costumeiro comportamento explosivo e destemperado.

As atenções então se voltaram para a entrevista com o ex-presidente Lula, que viria a acontecer três dias depois. Na ocasião o que se viu foi uma reação quase unânime de que havia se saído muito bem, respondendo com segurança aos questionamentos e passando uma imagem de conhecedor da situação, apresentando dados sem precisar consultar anotações.

Diante de tal constatação, o presidente se

sentiu na obrigação de participar do debate promovido por um pool de emissoras no domingo seguinte. Via ali a chance de enfrentar seu principal adversário frente a frente. E numa jogada já esperada, fez a primeira pergunta ao candidato petista sobre a corrupção nos governos de seu partido.

Para surpresa de muitos, na resposta Lula se mostrou acuado, sem a habitual verve, preferindo fugir da pergunta, em uma postura visivelmente desconfortável. Ali ficou claro que a tática presidencial de tentar reacender o tema corrupção, colando-o à imagem do ex-presidente, parecia ter dado certo.

Porém, ao longo do debate, a surpresa viria com o comportamento de Simone Tebet. Desde o início sua participação foi caracterizada por uma postura firme e contundente, confrontando o presidente. E ao ser atacada por ele, respondeu “eu não tenho medo de você e de seus ministros”, frase que viralizou nas redes sociais.

A verdade é que o presidente não havia se preparado para ser confrontado pela senadora. Porém, seu pior momento foi quando atacou a jornalista Vera Magalhães, em uma atitude misógina que o acompanha em toda sua história de homem público. A partir daí o debate mudou de foco, com as duas senadoras candidatas passando a colocar no centro da discussão a questão da mulher. E foi quando Tebet fez uma pergunta matadora: “Por que tanta raiva das mulheres?”, colocando o presidente numa saia justa.

Ao final do debate, o ex-presidente ainda tentou fazer uma tabelinha com ela ao perguntar

sobre corrupção no governo Bolsonaro. Em sua resposta a senadora concordou, indicando as diversas evidências, mas fez questão de lembrar que nos governos petistas essa também foi uma característica marcante. Como se vê, o tema, aparentemente colocado em segundo plano, acabou dominando uma parte importante do debate.

Por isso, não se deve desprezar o potencial de reaquecimento do sentimento antipetista com a lembrança do Mensalão e Petrolão. De outro lado, tem crescido na população a percepção de que o governo Bolsonaro também tem a marca da corrupção. Será importante acompanhar o nível de desgaste a ser provocado pela série de reportagens publicadas pelo Uol sobre as transações imobiliárias do presidente e seus familiares. Nesta eleição, boa parte do eleitorado tem declarado sua intenção de voto em um dos dois para evitar a vitória do outro. E esse cenário ganha força porque ambos os candidatos líderes nas pesquisas têm índices de rejeição altíssimos.

O desempenho de Simone Tebet no debate animou seus apoiadores, mas mesmo que ela venha a apresentar um crescimento nas próximas pesquisas, a tendência predominante continua sendo a dificuldade de furar a bolha da atual polarização, principalmente se considerarmos que estamos a 30 dias do primeiro turno. De qualquer forma, ela já se tornou uma liderança relevante no âmbito nacional que precisará participar das negociações para evitar a vitória da autocracia no segundo turno. E isso é uma boa novidade.

Revolução educacional

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo e presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP. É membro da Academia Paulista de Letras.

O Fórum Econômico Mundial (Davos) estima que o mundo precisará requalificar 1 bilhão de trabalhadores até 2030. Só para atender a indústria de transformação e da construção civil do Brasil, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) vê a necessidade de qualificar mais de 10 milhões de trabalhadores até 2025. Agricultura, comércio e serviços, igualmente, requerem qualificação e requalificação de milhões de trabalhadores. E para todos esses setores, necessita-se de uma requalificação permanente que permita acompanhar a grande velocidade de mudança nos métodos de produzir e vender.

Trata-se de um desafio imenso e de extrema complexidade. A escola sozinha, não dá conta do recado por não conhecer a natureza da demanda. A empresa igualmente é impotente por não conseguir proporcionar a educação básica que é indispensável para se aprender as novas profissões. O governo tampouco está aparelhado para acompanhar as meteóricas mudanças no mundo do trabalho.

Esse desafio exige uma íntima interface entre escola, empresa e governo. É isso que se observa nos países avançados onde o governo

cria os estímulos e as escolas e empresas realizam a qualificação.

Na Europa, especialmente nos países do norte, os investimentos em qualificação e requalificação contínuas vêm aumentando a cada ano tanto por parte das médias e grandes empresas como das escolas de formação profissional, com frequência, amparados por incentivos governamentais (Konstantinos Pouliakos e Patricia Wruuk, “Corporate training and skill gaps”, Bonn: Institute of Labor Economics, 2022). O mesmo ocorre nos Estados Unidos e em países da Ásia (“Top content providers for upskilling and reskilling employees”, Plataforma e-Learning Industry, 2022).

No Brasil, temos 2.300 universidades corporativas que cuidam da capacitação do pessoal de empresas, além de 2 a 3 milhões de jovens que se formam nas escolas do Sistema S, as do setor público e as particulares. Mas, tudo isso ainda é pouco perto das necessidades do país. O resultado de todo esse esforço está qualificando menos de 10% da nossa força de trabalho enquanto nos países avançados isso sempre ultrapassa os 40%.

Em nosso país, temos o agravante da má qualidade do ensino fundamental e médio da

maioria das nossas escolas. Ou seja, entre nós, falta não apenas trabalhadores qualificados, mas, sobretudo, trabalhadores qualificáveis. Por isso, o nosso desafio é ainda maior. Sempre vi com bons olhos o movimento de Santa Catarina “Indústria pela Educação” promovido pela Federação das Indústrias daquele estado que procura superar as deficiências de educação básica dos jovens, para então qualificá-los nas profissões demandadas. São mais de 2 mil indústrias e 350 mil trabalhadores. Hoje em dia, todo o estado se engajou nessa parceria, envolvendo também o comércio, serviços, atividades agropecuárias e os órgãos de educação do governo. É o movimento Santa Catarina pela Educação.

Os resultados têm sido promissores tanto para os jovens como para as empresas. Uma boa educação básica é fundamental para os trabalhadores acompanharem a evolução das tecnologias e se prepararem para profissões que não existem hoje, mas que existirão amanhã.

Poucas empresas têm escala para criar universidades corporativas, mas, pequenas e médias se beneficiam, de arranjos como o realizado naquele estado. Vale a pena ampliar essa iniciativa.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Teatro do absurdo

Por certo, num futuro próximo, as primeiras duas décadas que marcam o início do século 21 merecerão, por parte dos historiadores brasileiros, um estudo metodológico aprofundado, capaz de elucidar e lançar luzes sobre todo esse período tumultuado e contraditório na vida do país e dos cidadãos.

A tarefa que esperam esses estudiosos é árdua, imensa e necessária para que as futuras gerações possam entender toda a complexidade desse período, situando o Brasil não apenas dentro de seus contextos e paradigmas internos, mas compreendendo também as transformações que marcaram a história da humanidade nesse tempo e seus reflexos internos. Tomando, talvez, como ponto de partida, a queda emblemática do Muro de Berlim, o fim da primeira fase da Guerra Fria, assim como a redemocratização de países como Portugal, Espanha e o próprio Brasil, os estudiosos terão um longo caminho a percorrer para consolidar vários tomos que mostrarão a riqueza de transformações ocorridas nessa fase histórica para o planeta, para nosso continente, num trabalho vital para o entendimento do Brasil atual.

A importância desse estudo histórico é que ele dará às novas gerações um norte a seguir, aprendendo com os erros e acertos do passado, de modo a tornar a marcha de nossa espécie sobre a Terra um movimento rumo à humanização plena. No caso particular do nosso país, as mudanças, iniciadas com o fim natural do ciclo militar, e a volta dos civis ao poder, mais do que desenhavam as esperanças de transformação, parecem prosseguir aos solavancos, entre fases de tumultos e improvisações, num ritmo de desacertos que tem levado à uma sequência de instabilidades institucionais, econômicas e sociais.

A voracidade com que civis, aqui representados pela classe política, os burocratas e tecnocratas, foram para cima da máquina do Estado, assenhorando-se das instituições e fazendo delas uma fortaleza para si e para os seus próximos, ocasionou a ruptura atual e mesmo o divórcio litigioso entre o governo e a população.

Há, portanto, no Brasil, dois países distintos, um representado pelo Estado e seus dirigentes de um lado e a população, sobretudo a de baixa renda, de outro lado. Com isso é possível inferir que o século 21, pelo menos na sua primeira metade, ainda não lançou suas luzes sobre o Brasil.

A população em geral segue às margens de todo esse processo. Continua refém de programas assistencialistas que visam, sobretudo, torná-la refém dos senhores do Estado. Executivo, Legislativo e Judiciário entram nesse processo como senhores absolutos da máquina de um Estado portentoso, regada com bilhões de reais, graças a uma das maiores cargas tributárias do planeta. Cada um desses portentos poderes tem orçamentos bilionários próprios, distantes anos-luz da realidade nacional. É o renascimento de uma versão moderna do Leviatã, feito à moda brasileira e com todo o jeitinho e malemolência inzoneira, formando uma casta de privilegiados, que se move como verdadeiros “homens cordiais, como bem apontou o estudioso Sérgio Buarque de Holanda na obra *Raízes do Brasil* (1936). Trata-se de um perpetuo situacionismo a tornar imóvel uma nação à espera do dia em que o Brasil virá a ser um dos grandes do mundo. Seguiremos à espera do nosso Godot.

» A frase que foi pronunciada

“O Brasil é o país do futuro, mas para tanto é preciso decidir que o ‘futuro’ é amanhã. E, como bem sabem, isto significa que as decisões difíceis têm que ser tomadas hoje.”

Margaret Thatcher

Mais e menos

» As calçadas largas deram boa mobilidade aos pedestres do Paranoá. Ficou apenas o absurdo da falta de recuo para os ônibus pararem. Sem o artifício, freiam no meio da pista atrapalhando o trânsito. Certamente, o projeto foi feito por quem nunca usou transporte público.

Equilíbrio

» Senador Girão comemora a vitória. Senado aprova a obrigatoriedade de os planos de saúde cobrirem tratamentos fora do rol da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Certamente, não terão prejuízo.

Seja sincero

» “Comício foi para gente preparada.” Crucificaram o candidato Ciro por ser sincero. Não foi lapso o que cometeu. Os candidatos devem mostrar quem são verdadeiramente. Muitos vão gostar, outros, não.

» História de Brasília

Jânio chegou. “Viúvas” eufóricas espalham notícias pela cidade. Nós, ficamos com o filósofo de Mondubim, que costumava dizer: “cesteiro que faz um cesto, faz um cento”.
(Publicada em 9/3/1962)